

A polêmica festa na floresta - Greenpeace rebate matéria do jornal O Paraense sobre a "Operação Mogno"

Data: 12/11/2001

Fonte: O Paraense

Local: Belém

Link: <http://www.oparaense.com>

O Greenpeace rebate matéria de O PARAENSE sobre a operação de combate ao contrabando de mogno no sul do Pará. Os jornalistas contra-argumentam.

O coordenador da Organização não Governamental Greenpeace, Paulo Adário, revoltado com a matéria de contra-capas da edição número 5 de O PARAENSE, enviou à redação uma carta em que fica claro o desconforto, típico de todos os que possuem alguma parcela de poder, com opiniões diferentes das suas. Veja, leitor, a carta de Adário, e as respostas dos jornalistas agredidos por ele:

- "A reportagem 'Greenpeace faz a festa na floresta', publicada por seu jornal, presta um deserviço aos leitores deste conceituado veículo. Um dos jornalistas que a assinam, Ronaldo Brasiliense, não estava presente em nenhum dos momentos da Operação Mogno, ao contrário de outros de seus colegas de profissão. O outro, Paulo Santos, só apareceu no final da operação, em Uruará, a convite do Greenpeace. Eles não vivenciaram as dificuldades representadas por uma operação de combate à extração de madeira ilegal numa região marcada pela violência, conduzida por agentes do Ibama vindos de várias partes do país, mal-remunerados e sem qualquer proteção da Polícia Federal. Não foram obrigados a pousar em helicópteros em pistas clandestinas, bloqueadas por toras de mogno para impedir que aviões descessem. Não dormiram em acampamentos improvisados, temeroso de que pistoleiros armados os flagrassem enquanto descansavam depois de um dia duro de trabalho. Não tiveram que suar sob um sol inclemente, ajudando a carregar, para os aviões do Greenpeace que davam apoio logístico à operação, dezenas de carotes de combustível que iriam abastecer os helicópteros do Ibama em áreas remotas. Não testemunharam a ira de madeireiros e índios caiapós que espreitavam o Ibama em São Félix do Xingu.

- A bem sucedida Operação Mogno conduzida pelo Ibama ainda não acabou, mas seus resultados já são impressionantes. O volume de madeira ilegal apreendido é recorde. Em paralelo, engenheiros florestais estão fazendo a análise pós-exploratória de todos os "planos de manejo de mogno" e é de se esperar que vários deles sejam cancelados, por estarem sendo usados para acobertar o roubo de madeira de terras públicas e áreas indígenas. O Greenpeace, senhor editor, tem orgulho de ter contribuído com o sucesso da Operação Mogno, e tem orgulho de estar no sul do Pará ao lado de agentes do Ibama que só honram o Brasil por sua coragem e dedicação. O mérito é deles e de seus chefes. Nós fornecemos informações sobre locais exatos de extração e pátios ilegais de mogno, contribuimos com a logística, e graças a relatório submetido ao Ministério do Meio Ambiente, à Procuradoria Federal da Justiça e ao Ibama, em setembro, estamos na origem da Operação Mogno. Cumprimos nosso dever constitucional e institucional.

Os dois jornalistas, no entanto, não parecem honrar os compromissos de sua profissão com a ética e a honestidade profissional e intelectual. Preferem considerar que o que aconteceu e está acontecendo do sul do Pará é uma festa. Ainda dá tempo para eles participarem diretamente - se tiverem disposição para tal. A operação vai até dezembro."

Paulo Adário

Coordenador da Campanha Amazônia Greenpeace

O Paraense mantém tudo o que foi escrito na reportagem

Quem é você que não sabe o que diz?

<http://www.amazonia.org.br/noticias/print.cfm?id=5020>

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL	
data	12 / 11 / 2001
cod	157

13/11/01

O coordenador do Greenpeace demonstrou seu aborrecimento porque sua ong gosta mesmo é de elogios. Já os conheço de longas datas, desde a fracassada operação na madeireira Araguaia, em Rio Maria, quando os ativistas do Greenpeace deram um show de incompetência. Em primeiro lugar, o fato de não estar em Uruará participando da ação da sua ong não me impede de ser um profundo conhecedor da região. Adário pode consultar Roberto Smeraldi, dos Amigos da Terra, ou Garo Batmanian, do WWF, a respeito. Nenhum alienígena vai me ensinar o que quer que seja a região onde nasci e me criei. Quem é você, Adário, que não sabe o que diz?

Dizer que não fomos obrigados a pousar de helicóptero em pistas clandestinas só pode tratar-se de escárnio. Usar helicóptero na Amazônia é coisa de ong rica, acostumada a gastar dinheiro de seus abastados doadores europeus. A gente daqui, amazônida, percorre a região de canoa, em lombo de cavalo ou pau-de-arara.

Adário fala em luta contra os que acobertam o roubo de madeira de terras públicas e indígenas, mas em nenhum momento se refere à presença, talvez em parceria, na ação em questão, de representantes do empreiteiro Cecílio do Rego Almeida, ele sim um mega-grileiro de terras públicas e indígenas. Como na máxima criada pelo ex-ministro da Fazenda no governo Itamar, Rubens Ricupero, "o que é ruim a gente esconde".

Só para não dizer que não falei das flores: como pode falar em ética e honestidade alguém ligado a notórios achacadores como o ex-superintendente do Ibama preso em flagrante pela Polícia Federal extorquindo madeireiros?

Ronaldo Brasiliense

Diretor geral de O PARAENSE

Muito além das versões oficiais

A matéria publicada pelo jornal o Paraense, ao contrário do que afirma o sr. Paulo Adário, relata os principais pontos da operação feita pelo Greenpeace, de acordo com informações repassadas pela assessoria de imprensa daquela ong. Também foram utilizados dados levantados por mim através de entrevistas com o próprio Paulo Adário e com José Leiland, do Ibama.

Ao ser convidado pelo Greenpeace para acompanhar a operação para a Associated Press, as informações prestadas pela Assessoria de Imprensa da ong eram de que a operação sairia de Santarém. Alegando questão de segurança (?) a assessoria, que fica em São Paulo, nada mais se dispôs a informar. Estranhei quando ficou claro não haver o menor interesse na minha presença durante todo o percurso, que saiu, de fato, de Tucumã e não de Santarém como o Greenpeace havia informado.

Os únicos jornalistas presentes à operação, isso sim é estranho e lamentável, foram os da Assessoria de Imprensa da ong e os contratados pelo grileiro Cecílio do Rego Almeida. É provável que o coordenador do Greenpeace no Brasil não tenha gostado dos termos usados na reportagem para mostrar o contraste de uma mega-operação de combate à retirada ilegal de mogno utilizando aviões e helicópteros além de possantes veículos Toyotas em uma região tão pobre.

Devo lembrá-lo, para que tudo não acabe em festa, que como jornalista não trabalho para noticiar somente fatos de interesse de sua ong ou qualquer que seja a instituição. Meu compromisso é com a verdade. Afinal não podemos esquecer que, até recentemente, o Greenpeace se aliou fortemente ao ex-superintendente do Ibama no Pará, Paulo Castelo Branco, hoje processado por crime de extorsão, em várias operações sob comando deste, e, mesmo com todas as evidências contra Castelo Branco, o coordenador do Greenpeace preferiu afirmar que o mesmo foi vítima de uma farsa, ou seja, preferiu maquiagem as provas, provavelmente com toda ética e honestidade.

Temos todo o interesse em continuar acompanhando a operação que vai até dezembro, desde que

Ibama e Greenpeace forneçam as informações necessárias que possibilitem a programação de viagens. Assim, o trabalho será registrado em sua totalidade, com ética e honestidade, por jornalistas profissionais independentes, além dos assessores do Greenpeace empenhados na divulgação da versão oficial.

Paulo Santos

Diretor de fotografia de O PARAENSE

[Clique para ler a matéria que originou a polêmica.](#)

Copyright © 2001 Amigos da Terra - Amazônia Brasileira. - Todos os direitos reservados.